

# A acumulação por espoliação e o novo navio negro<sup>1</sup>

**Rodrigo Fernandes Silva**  
rodrigo.unicamp@gmail.com  
Instituto de Geociências – Unicamp

**Palavras-chave:** forma geográfica, lugar, acumulação de capital, capital fixo.

Do ponto de vista geográfico, o território herdado, vivido e atualizado serve tanto como suporte e abrigo, para a vivência de alguns, como de recurso para outros (GOTTMANN, 2012). Esse entendimento passa, em parte, pela compreensão da introdução das obras de engenharia, ou seja, objetos geográficos. Por um lado, essa análise nos permite verificar como ocorre a instalação dessas obras, de um lado, como elas organizam das atividades econômicas, desorganizando a vida de relações dos lugares (SANTOS, 1979).

260

De acordo com Marx (1970), assim como no reino dos mamíferos podemos classificar integrantes como feminino e o masculino, nos meios de trabalho encontramos uma parte de *capital fixo* e outra de *capital circulante*. Os *primeiros* são produzidos já na forma fixa, vinculados ao solo, como as fábricas, edifícios, ferrovias; os *segundos* são criados fixos e logo depois são colocados em circulação. Para esse autor, a ideia de capital fixo é proveniente dos economistas fisiocratas, sobretudo a Adam Smith. Todavia, Marx destaca a descoberta de Smith, para o emprego de uma vez, pelo capitalista, de todo capital necessário à instalação desses *grandes capitais* (MARX, 1970).

Smith (1974), por sua vez, entende que o capital é compreendido, de um lado, pela *poupança*, como a causa imediata do aumento de capital, e por outro, pela distinção *produção entre: as matérias primas, os produtos semimanufaturados e as matérias auxiliares* (usados na produção sem ser incorporada fisicamente no produto final).

---

1 O presente texto é uma parte argumentativa usada no Trabalho Final da disciplina “Conflitos atuais da acumulação primitiva. Projetos de investimento em infraestrutura, populações nativas e rurais e os movimentos sociais no Brasil e nas Américas do Sul e Central”, ministrados, no primeiro Semestre de 2011, pelo Prof. Dr. Arsênio Oswaldo Sevá Filho, no IFCH - UNICAMP. Com o título: “Conflitos atuais da acumulação primitiva: verticalidades e horizontalidades”.

Nesse sentido, para Moraes e Costa (1984), é fundamental diferenciarmos a noção do *valor do espaço* e o *valor no espaço*: a primeira é o *espaço geográfico empirista e naturalista* e a segunda é *espaço econômico*. Nesse quadro, o próprio espaço aparece, *respectivamente*, como *valor de uso* e como *valor de troca*, sendo: como o primeiro é a condição universal e preexistente do trabalho; e como o segundo é a função de sua mobilidade pelo planeta. Assim, o espaço é a condição geral da produção, o receptáculo do trabalho humano. Ao longo do desenvolvimento da história, podemos ver como a *progressiva e desigual acumulação de trabalho na superfície da terra* desnaturaliza o território, criando uma desigual alocação de trabalho (MORAES; COSTA, 1984).

Fundamentalmente, a circulação e o movimento fluido sobre o espaço só pode ser estabelecido mediante a instalação de certas verticalidades, ou seja, obras de infraestruturas físicas, na forma de capitais fixos incorporados a terra como: rodovias, ferrovias, aeroportos, portos, redes de cabos e oleodutos (HARVEY, 2011). São as grandes obras e intervenções espaciais que rompem os laços do cotidiano local (VAINER, 2011).

De qualquer forma, é este trabalho morto acumulado nos meios de produção quem orienta a *especialização das atividades produtivas* e as *produções materiais que se agregam ao solo* – como formas espaciais que duram mais que os processos que os engendraram (MORAES; COSTA, 1984). Assim, podemos ver como, cristalizado nos meios de produção, o trabalho aparece na *forma de capital fixo* ou como *fixação de capital no espaço*.

Santos (1979), no entanto, lembra que os avanços tecnológicos equipam as *Economias Centrais* com objetos portadores de potencialidades específicas. Isso, porque, estes objetos são dotados de *conteúdos e finalidades*. Para ele, esses projetos representam os pioneirismos de *um capital auxiliar*, isto é, capital emprestado a baixas taxas ou doado, praticamente indispensável à abertura das portas ao capital produtivo. Nesse movimento, quando são transferidas de uma *formação socioeconômica* para *outra*, modificam esta última. Assim como, os *capitais fixos* são os *instrumentos de trabalho* que aumentaram de tamanho (como verdadeiras próteses humanas), agora os *conteúdos técnicos* dos objetos geográficos se tornaram bem mais explícito e evidente.

De acordo com Vainer (2011), a nova geopolítica, iniciada na década de 1970, reconfigura o lugar e o conecta a uma *lógica internacional exógena*. Segundo ele, a introdução de novos capitais gera a expulsão das populações (direta ou indiretamente, na forma do migrante). Esta é parte das implicações do regime de acumulação por espoliação da nova geopolítica, fundada pelo tripé *capital nacional estrangeiro estatal*, como nos descrevia Kowarick (1993).

Entretanto, para Harvey (2011), a *acumulação via espoliação*<sup>2</sup> possui duas formas processuais básicas de acumulação de capital no território<sup>3</sup>: *celulares e moleculares*. Segundo este autor, o *caráter contínuo da acumulação de capital*<sup>4</sup> é baseado na extração de recursos da natureza para serem consumidos alhures, restando no lugar o controle e a dominação territorial, social, política e econômica mediada pelo controle militar.

Por isso, os processos celulares nos fornecem visões do imperialismo, amparados em projetos de que ocupam o território a fins de “*mobilizar recursos naturais e humanos desse território, para fins políticos, econômicos e militares*”. Os processos moleculares, por sua vez, são entendidos tendo o imperialismo como um “*processo político-econômico difuso no espaço e no tempo no qual o domínio e o uso do capital assume sua primazia*” (HARVEY, 2011, p. 31).

Neste contexto, a administração pública e os governos políticos instalados pelo território constituem uma variedade de escalas geográficas e um conjunto de hierarquias organizadas, onde operam os processos moleculares. Esses fatores possuem grande peso na lógica das diferenciações e especializações espaciais e regionais da produção. Dessa forma, as atividades capitalistas produzem o desenvolvimento geográfico desigual. Moreira (2012), por sua vez, utiliza a mesma nomenclatura, no caso brasileiro, para descrever os *processos moleculares* que demandam grandes áreas, diferentemente dos que ocorrem no interior dos espaços produtivos, que ele denomina de *processos celulares*.

---

2 O conceito de espoliação foi utilizado por Lúcio Kowarick (1993), em A Espoliação Urbana.

3 Ele cita inclusive impérios do passado como: romano, otomano, chinês imperial, russo, soviético, austro-húngaro, napoleônico, britânico, francês, entre outros (p. 15).

4 Veja: MIDNIGHT, Notes Collective. “The new Enclosures”, preprinted from Midnight Notes #10, 1990. n.2, september 2001.

Nesse ponto argumentativo, encarar o trabalho como um processo de valorização é justificar que a contradição capital-trabalho possa explicar a organização do espaço, sob o modo de produção capitalista. Nele, a criação de valores se encontra na apropriação dos *recursos próprios do espaço*, na *construção de formas humanizadas* sobre o espaço, na conservação desses construtos e na modificação do substrato natural, operada pelas obras humanas.

Consideramos sim, de acordo com Santos (1979), a forma geográfica o *novo Cavalo de Troia*<sup>5</sup>. Para ele, a penetração dessas formas, nos países subdesenvolvidos, fica evidente quando verificamos as instalações das obras de engenharia, sobretudo, como elemento de expansão dos sistemas técnicos atuais. Como um *presente de grego*, cada elemento introduzido implica no rearranjo e substituição dos sentidos já existentes por novos, mais operacionais. Nesse curso, vincula as execuções de projetos aparentemente isolados que, ao mesmo tempo, visam acelerar a modernização capitalista e frustrar projetos nacionais.

Todavia, optamos pelo neologismo da noção desse *Cavalo* vestido com as funções do *Navio negreiro* (embarcação usada, no período colonial, pelos portugueses para o tráfico de escravos africanos para o Brasil), como um *novo Navio negreiro*. Assim, a *metáfora* se torna mais funcional e complexa. Uma vez que essas obras de engenharia são os elementos físicos necessários à produção e o atributo contabilizado como vantagem de localização, funcionando para capitalistas individuais como as vantagens tecnológicas (HARVEY, 2011).

Contudo, é com essa nova roupagem, diferentemente do simples “*presente grego*”, que funcionam “*os modelos em desenvolvimento*”, como conector, como suporte por onde ocorre o fluxo, conduzindo e transportando os *lugares escravizados*, das condições preexistentes à *escala global*. *Essa passagem, entretanto*, não se dá em abstrato, mas sim via

---

<sup>5</sup>Harvey (2003; p. 136) utiliza a expressão, no sentido clássico, para designar a *política de expropriação do socialismo* da Nicarágua, se referindo à ajuda, da Organização de Inteligência Norte Americano (CIA), para promover uma ofensiva no país.

controle telecomunicacional e bélico. Assim, *mediante esta tecnosfera criada, se abre a possibilidade da projeção da voz dos lugares e as modificações na psicofera.*

### Referências bibliográficas

- GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, Campinas, 2012.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 5. edição. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- MARX, Karl. O capital: Crítica da economia política. Livro 2: Processo de circulação do Capital. Volume 3. Tradução do original em alemão: DAS KAPITAL: Kritik der politsttschen Ökonomie Zweiter Band. Bush II: Der Zirkulationsprozess des Kapilats. Segunda edição 1893. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.
- MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias. **Geografia Crítica: a valorização do Espaço**. São Paulo, HUCITEC, 1984.
- MOREIRA, Ruy. **Formação espacial brasileira: uma contribuição crítica à geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2012.
- SANTOS, Milton. A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: **Economia espacial: críticas e alternativas**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. 5. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2009.
- SEVÁ, Oswaldo. Néo-desenvolvimentismo: máscara do imperialismo, ameaça à democracia. **Revista Democracia Viva**, Rio de Janeiro, IBASE, 2010.
- SMITH, Adam. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. São Paulo: Editora Victor Civita, 1974.
- VAINER, Carlos B. Viabilidade e impactos das grandes obras no Brasil. In: SEMINÁRIO GRANDES OBRAS E MIGRAÇÕES, 2001. **Anais...** São Paulo: ITESP, 2011.